

RESUMO - 7. ESTUDOS DE GÊNERO E TEORIAS DA HISTÓRIA

POR UMA HISTORIOGRAFIA TRANSGRESSORA: ARTICULAÇÕES ENTRE AS PERSPECTIVAS DECOLONIAL, FEMINISTA INTERSECCIONAL, TRANSFEMINISTA E QUEER

Caio De Souza Tedesco (caiostedesco@gmail.com)

O presente trabalho resulta das indagações, reflexões e compreensões teórico-metodológicas que fundamentaram a minha pesquisa de mestrado, realizada no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGH/UFRGS), defendida em maio de 2022 e intitulada “Não se nasce homem, torna-se: a emergência das transmasculinidades e o espaço biográfico de João Walter Nery (1950-1988)”. Nesta dissertação, investiguei a constituição de si de João Walter Nery, conhecido como “transhomem pioneiro no Brasil”, através do campo de possibilidades que permitiu seu autoforjar como transhomem, bem como da produção de seu espaço biográfico. Assim, a partir da experiência de realizar tal operação historiográfica, pretendo discutir as possibilidades e os desafios de articulação entre as perspectivas teóricas-políticas decolonial, feminista interseccional transfeminista e queer no fazer historiográfico. Para tanto, dialogo com Judith Butler, Maria Lugones, Michel de Certeau, Michel Foucault, Patricia Hill Collins, Paul Beatriz Preciado, Susan Stryker e Viviane Vergueiro Simakawa, entre outras e outros intelectuais, a fim

de: problematizar e (re)historicizar os conceitos de gênero, sexualidade, sexo, corpo, subjetividade, transgeneridade e cisgeneridade; discutir e tensionar a forma como se tem produzido historiografia das relações de gênero, sobretudo narrativas historiográficas sobre pessoas trans; analisar e denunciar a naturalização da cisgeneridade no campo historiográfico e o papel da História na manutenção da transfobia estrutural, da cisheteronormatividade e do ciscolonialismo. Desse modo, parto das perspectivas teórico-metodológicas e políticas mencionadas acima para elaborar uma proposição inicial do que considero ser uma operação historiográfica transgressora, ou seja, uma historiografia voltada para os anseios do tempo presente e para a vida que, ao invés de integrar-se ao genocídio histórico da população trans, rompa com a política de morte e auxilie na criação de novos passados (novas maneiras de compreender e imaginar o passado) e novos futuros, futuros nos quais pessoas trans tenham direito não somente a (sobre)viver, mas a viver com dignidade.